

Fernando Pessoa é provavelmente o escritor português que mais suscita interesse fora de seu país. Dão testemunho disso os estudos críticos sobre sua obra, propagados em ritmo ascendente ao longo da segunda metade do século XX, bem como as contumazes novas edições de seus escritos, impulsionadas tanto pelas incursões de especialistas em seu espólio, patrimônio da Biblioteca Nacional de Portugal, quanto pela entrada em domínio público de seus textos. A recente publicação de três copiosas biografias¹, somando-se às quatro já existentes², sugere o despontar de mais uma tendência editorial associada ao autor. Desde logo a de Richard Zenith concorre para se firmar como obra de referência, na medida em que ele edita, pesquisa e traduz Pessoa há mais de trinta anos.

Nos “Agradecimentos”, o biógrafo afirma ter se empenhado por pouco mais de uma década na redação do volume. Pode-se, porém, retroceder ainda mais. No início dos anos 2000, ao preparar uma edição de textos pessoanos que incidem direta ou indiretamente sobre a intimidade de quem os escreveu, nela incluiu um posfácio intitulado “Notas para uma biografia factual” (Zenith, 2003). Embora a gênese da biografia remonte a 2007 e tenha conduzido à fotobiografia editada no ano seguinte em Portugal – posteriormente revista e posta em circulação no Brasil (Zenith, 2011) –, aquelas “Notas” anunciavam tópicos da obra por vir. Ali se faziam presentes, entre outros, a avaliação dos diversos e, por vezes, incompatíveis posicionamentos políticos de Pessoa ou a mudança, no fim da vida, na forma como enxergava os menos favorecidos, atenuando o elitismo subjacente a suas visões de mundo. De todo modo, já se evidenciava, na “Nota prévia” que introduzia a coletânea, uma das vindouras ambições de *Pessoa – Uma biografia*: “Queremos, sem detrimento do seu ser multiplicado em existências literárias, revelar mais uma faceta: a do homem que realmente respirava, sentia, ansiava, sofria” (Zenith, 2003, p. 8).³

Visto de forma retrospectiva, aquele posfácio pode ser identificado como precursor da biografia em termos de minuciosidade documental, resultante do objetivo de lançar luz sobre “aspectos da biografia pessoana

¹ Zenith (2021); George (2022); Moya (2023).

² Simões (1950); Crespo (1988); Bréchon (1996); Cavalcanti Filho (2011).

³ Compare-se tal passagem com o seguinte excerto da biografia: “Mas e o Fernando Pessoa de carne e osso – que tinha apetites, medos, pesares e dores de cabeça, que cortava o cabelo e lidava com memórias e esperanças frustradas? Qual é a relação entre esse homem cotidiano e o escritor compulsivo?” (Zenith, 2022, p. 35).

menos bem conhecidos ou mal compreendidos” (Zenith, 2003, p. 436). Corrigem-se ali diversos erros factuais nos quais incorre João Gaspar Simões, arrolados, logo no ano seguinte à publicação dos dois tomos da pioneira *Vida e obra de Fernando Pessoa*, por um primo em segundo grau do poeta, Eduardo Freitas da Costa, para quem o livro seria uma “biografia romanceada” (Costa, 1951). É significativo que as cinquenta páginas daquelas “Notas para uma biografia factual”, saturadas com numerosos dados relativos à existência mundana do escritor, careçam dos traços de estilo que aproximam *Pessoa – Uma biografia* de um extenso romance, mas sem a conotação depreciativa que Freitas da Costa concede ao termo.

Em um breve texto manuscrito, datável da década de 1950 e dado a conhecer apenas poucos anos atrás, Eduardo Lourenço assim se refere à dimensão romanesca do livro escrito por Gaspar Simões: “toda a tentativa biográfica é *fatalmente* romanceada. [...] A biografia será sempre não um gênero híbrido, como vulgarmente se diz, mas ambíguo” (Lourenço, 2020, p. 78). Trata-se de perspectiva afim à que adotam vários estudiosos e praticantes do gênero, entre os quais François Dosse, que nele enxerga “uma mescla de erudição, criatividade literária e intuição psicológica” (Dosse, 2015, p. 60), por estar simultaneamente sujeito às exigências da História e às da ficção. Por certo, deve-se entender esta não em oposição àquela, mas sim como o que resulta da atividade de um *fictor*, ou seja, daquele que, na acepção etimológica do termo, dava feição ao barro, tal como um ceramista com os dedos das mãos (*fingers*, em inglês, remetendo ao verbo latino *figere*, “modelar”, “esculpir”, “figurar”) ou um escritor com as palavras (graças ao sentido lato daquele verbo, alusivo a “imaginar”, “representar”, “criar”).

Ao examinar as particularidades de obras biográficas das mais diversas orientações, o mencionado historiador e sociólogo francês recupera posições como a do filósofo Paul Ricœur⁴ ou a do escritor François Mauriac⁵, reforçando sua percepção do gênero como produto da “tensão dialética entre as dimensões factual e ficcional” (Dosse, 2015, p. 62). O alentado trabalho de Richard Zenith fortalece tais posicionamentos, mesmo que um par de diferenças entre a edição brasileira e a estadunidense amenizem, de certo modo, a confluência daquelas duas instâncias.

⁴ “um misto instável de fabulação e experiência vivida” (*apud* Dosse, 2015, p. 55).

⁵ “Toda biografia é romanceada e não pode deixar de sê-lo” (*apud* Dosse, 2015, p. 68).

Por um lado, o volume publicado pela Companhia das Letras é aberto por paratextos que, no original da Liveright, figuravam no fim do volume, entre os “Agradecimentos” e as “Notas”. Exceto pelos “Mapas” (um de Durban, relativo à infância e adolescência do escritor na África do Sul; um de Portugal continental na atualidade; e, finalmente, um de Lisboa por volta de 1925), versões preliminares de tais elementos (“Cronologia da vida de Pessoa” e “Árvore genealógica materna de Pessoa”) compareciam nos já referidos *Escritos autobiográficos, automáticos e de reflexão pessoal*. Enfatizam-se, assim, os componentes factuais tão valorizados pelo texto de Zenith.⁶

Por outro lado, há uma seção transposta para o fim da biografia que, espremida entre as “Fontes e referências” e os “Créditos das imagens”, tem subtraído o efeito que provoca na edição original, ali introduzida logo após a página de rosto e o sumário. Intitulada “*Dramatis Personae*”, trata-se de uma listagem de autores fictícios que povoavam a imaginação de Pessoa. Renomeada “Heterônimos e outras *dramatis personae*” e transferida para o fim do volume, ela assume caráter mais utilitário do que no texto em inglês. Sem dúvida, uma das maiores curiosidades (para não dizer fetiches) do público não especializado diz respeito à contabilização dos heterônimos pessoanos. Removida da posição nobre que originalmente ocupava, tal listagem não apenas propicia um tão errôneo quanto apressado pressentimento de incompletude (Zenith menciona, de forma deliberada, apenas 46 dos mais de cem autores fictícios que Pessoa imaginou)⁷, mas também torna menos visível a cadência ficcional do livro. Isso porque, aludindo ao clássico elemento introdutório de uma peça teatral, a versão estadunidense desde o princípio se assumia como *representação* da vida de Pessoa, à maneira de um drama ou, mais propriamente, de um filme, segundo o biógrafo explica no fim do “Prólogo”:

Tentei construir, com tantos detalhes confiáveis quantos pude reunir, uma vida “cinematográfica” – como era Pessoa e como se comportava, para onde seus passos o levaram, com quem interagiu e os cenários animados onde sua vida decorreu. Mas esse filme, por si só, pouco nos diria sobre o escritor Pessoa, cuja vida essencial se passava no imaginário. E, portanto, minha maior ambição é mapear, na medida do possível, sua vida imaginativa (Zenith, 2022, p. 37-38).

⁶ Apesar disso, a primeira página da cronologia registra, em pé de igualdade com dezenas de ocorrências verídicas, os nascimentos fictícios de Ricardo Reis, Alberto Caeiro e Álvaro de Campos, conforme mapas astrológicos elaborados por Pessoa.

⁷ Ver Pessoa (2012; 2013).

Foram intituladas apenas as quatro partes maiores do volume, introduzidas por epígrafes pinçadas do *Livro do desassossego*. Em “O estrangeiro nato (1888-1905)”, acompanhamos os primeiros anos de vida do futuro escritor em Portugal e depois na África do Sul, conformando uma experiência análoga à que, sob a máscara de Álvaro de Campos, ele sintetizaria no conhecido verso “Estrangeiro aqui como em toda a parte” (Pessoa, 2014, p. 185). A seguir, após o seu regresso definitivo à terra natal, observamos, em “O poeta como transformador (1905-14)”, o progressivo amadurecimento do programa pessoano de transmutar as ideias e emoções de quem escreve nas de autores fictícios, culminando na criação do trio Caeiro-Reis-Campos. Já em “Sonhador e civilizador (1914-25)”, cruzamos um período de intensa participação do autor português na esfera pública, desde a efervescência de *Orpheu* até o neopaganismo da *Athena*, passando pela ambição de transformar não apenas a si mesmo, mas também a sociedade portuguesa de seu tempo. Por último, em “Espiritualista e humanista (1925-35)”, chegamos à época em que Pessoa mais acentuadamente se interessou por fenômenos sobrenaturais e pelo mundo espiritual, posicionando-se ainda, em seu último ano de vida, contra o regime salazarista e a quaisquer formas de opressão, bem como exaltando a equidade de todos os seres humanos.

Somente em um dos últimos capítulos do livro é revelada a motivação dessa estrutura quadripartida. Conhecedor do espólio pessoano, Zenith transcreve um sucinto apontamento datado de 1935 e redigido em inglês, no qual o escritor realça a importância dos anos terminados em cinco: 1895, quando sua mãe se casou pela segunda vez, fê-lo embarcar para a África do Sul, onde desenvolveria fluência em outro idioma e seria apresentado a referências literárias estrangeiras distintas das que predominavam em Portugal, culturalmente mais próximo da França; 1905 é o ano em que regressou a Lisboa e iniciou a trajetória que o levaria a se transformar não em um dos maiores expoentes da literatura anglófona, conforme também ambicionava, mas sim em ícone da lusofonia; *Orpheu* veio a público em 1915, notabilizando-o como poeta aos olhos do público, que até então só o conhecia como crítico; por fim, sua mãe faleceu em 1925. Em relação a eles, Pessoa observa: “Todos são começos de períodos”. Sabendo, assim como nós, que o escritor redige tais palavras em seu último ano de vida, o biógrafo não esconde sua reação diante delas: “Um arrepio percorreu minha espinha quando vi esse documento pela primeira vez” (Zenith, 2022, p. 957).

Empregada com parcimônia, a irrupção de enunciados na primeira pessoa seguramente constitui um dos maiores acertos dessa biografia. É certo que o apontamento do biografado foi redigido em retrospecto, o que não nos permite assegurar que, à maneira de um vidente, ele tenha previsto sua própria morte naquele ano. Mas o biógrafo, que se propõe a narrar a vida de alguém já falecido, conhece, é claro, o fim daquela história. Daí a inevitável natureza retrospectiva de seu relato, que, embora quase sempre obedeça à cronologia linear da vida de Pessoa, nunca simula o desconhecimento de ocorrências futuras. Desse modo, Zenith se esquivava do aspecto teleológico comum em obras desse gênero, graças ao qual são recompostas “totalidades significativas, forçando coerências a partir de objetivos que o biógrafo sabe terem sido alcançados” (Dosse, 2015, p. 211). Bem ao contrário, as oportunas intrusões do eu do biógrafo no interior do relato permitem avanços no tempo, evocando-se circunstâncias vindouras da trajetória do biografado, que dão corpo às passagens focalizadas no presente da narração.¹¹ Além disso, tais intrusões ainda explicitam o condicionamento da biografia ao ponto de vista de quem a escreve, bem como ao contexto histórico em que foi redigida. Assim, ao trazer, aqui e ali, a sua própria voz para o primeiro plano da narração, Zenith não apenas evidencia tais condicionantes como também se previne contra a “ilusão biográfica” recriminada por Pierre Bourdieu (2006).

Um dos méritos de *Pessoa – Uma biografia* é a composição de um minucioso retrato humano de Fernando António Nogueira Pessoa. Por um lado, abrange aspectos já conhecidos (seu cotidiano como tradutor e “correspondente estrangeiro em casas comerciais” [Pessoa, 2003, p. 204]; as malogradas tentativas de fundar seu próprio negócio; as brincadeiras do “Tio Fernando”, que divertiam os sobrinhos, o namoro com Ofélia Queirós; o encontro com Aleister Crowley e Hanni Jaeger, a jovem namorada do ocultista inglês, inspiradora do único poema de Pessoa “em que o eu poético deseja inequivocamente um corpo feminino” [Zenith, 2022, p. 823]; o alcoolismo etc.). Por outro lado, também se aprofunda em episódios pouco ou nada referidos por outros estudiosos (os estímulos dados ao menino Fernando pelo seu tio-avô Cunha, sobretudo para povoar a realidade circundante com personagens imaginárias; a rotina escolar em

¹¹ Por exemplo: no capítulo 11, desenrolado entre 1902 e 1904, ao comentar o inconcluso drama *Marino*, que Pessoa começou a escrever ainda em Durban, o biógrafo prossegue até 1907 e esclarece: “Avancei rapidamente para Lisboa a fim de mostrar como as obras literárias de Pessoa eram capazes de mutações sucessivas e imprevisíveis” (Zenith, 2022, p. 189).

Durban; a perda de uma bolsa de estudos em Oxford; certos passatempos infantis prolongados na vida adulta, tais como partidas imaginárias de futebol e críquete; os entevos familiares suscitados por questões financeiras; as inseguranças relativas à aparência física e à vida sexual; a atuação como professor particular de inglês; o interesse pela luta-livre; o flerte com Madge Anderson etc.). Ao proceder desse modo, o biógrafo confere carnalidade a uma figura cristalizada, ao longo dos anos, como “o homem que nunca foi”, cujas criações teriam de tal maneira eclipsado o criador que seria supérflua a consideração de sua experiência mundana.¹²

Mesmo assim, Zenith não descuida de episódios históricos que igualmente conferem profundidade ao seu retrato de Pessoa, cuja existência passa a compor mais uma peça de um enorme mosaico relativo a passagens marcantes da história dos dois países onde viveu (haja vista, para referir apenas duas delas, as guerras dos bôeres, na África do Sul, ou o regicídio que precipitou o fim da monarquia em Portugal). Evocadas com riqueza de detalhes, elas não apenas dinamizam a paisagem no fundo da tela, mas também, por vezes, matizam as opiniões do próprio biografado a respeito delas. É o caso da designação “fezes da República”, dirigida por Pessoa ao partido liderado por Afonso Costa, epíteto que o biógrafo, assente em dados históricos, considera ser “um juízo pesado demais” (Zenith, 2022, p. 394).

Sem incorrer em anacronismos, Zenith tampouco se esquiva de abordar tópicos controversos da vida de alguém nascido no século XIX, mas que interessam ao público leitor do XXI, tais como colonialismo, racismo e sexualidade. Assim, ao comentar uma carta escrita pela mãe de Pessoa, o biógrafo ressalva que, a exemplo de “praticamente todas as outras pessoas em Portugal e no resto da Europa, Maria Madalena jamais

¹² Embora remeta à famosa defesa, por Octavio Paz (1996), de que os poetas não têm biografia, pois esta corresponderia à obra deles, Pessoa já semeara princípio semelhante em prefácio de Ricardo Reis aos escritos de Alberto Caeiro: “A vida de Caeiro não pode narrar-se pois que não há nela de que narrar. Seus poemas são o que houve nele de vida” (Pessoa, 2016, p. 282-283). Além disso, em carta a Gaspar Simões, lê-se formulação similar, relativa ao antigo comparsa de *Orpheu*: “o Sá-Carneiro não teve biografia: teve só gênio. O que disse foi o que viveu” (Pessoa, 1999, p. 188). Já a expressão “o homem que nunca foi” advém do título da conferência “Fernando Pessoa: The man who never was”, traduzida pelo próprio autor, Jorge de Sena (1978). Importa ressaltar que esse penetrante ensaio está longe da vulgarização simplista à qual tem estado sujeito, conforme exemplifica a seguinte passagem, acerca da “vera ambivalência” dos escritos pessoanos: “Pessoa desejava *intervir, estar presente*, sem de facto *intervir ou estar presente* de maneira alguma” (Sena, 1978, p. 34, grifo no original).

questionou a decência moral de usar todos os meios necessários para impor o controle estrangeiro sobre as terras ancestrais dos africanos” (Zenith, 2022, p. 71). Ele ainda toma partido em relação a alguns dos raros escritos que caracterizam um “sentimento claramente racista em Pessoa” (Zenith, 2022, p. 589) e também à forma como a maioria da crítica tem tratado a questão:

Vários estudiosos de Pessoa insistiram em afirmar que ele não era racista. As linhas que acabo de citar, segundo eles, devem ser consideradas no contexto de toda a sua obra, notável por apresentar pontos de vista provocativos e muitas vezes contraditórios. [...] Concordo com os estudiosos quando afirmam que muitas das posições que Pessoa defendia eram para fins de argumentação, e, apesar do que algumas de suas declarações possam sugerir, não acredito que ele nutrisse alguma hostilidade em relação aos negros africanos. Mas, mesmo assim, ele os considerava uma raça inferior. Embora questionasse muitas crenças e preconceitos comuns da sociedade em que vivia, não lhe ocorreu examinar seu próprio racismo – até perto do fim da vida (Zenith, 2022, p. 589-590).¹³

Muito mais recorrentes são as menções, ao longo de toda a biografia, à sexualidade de Pessoa. Embora menos ostensivo em comparação com seus núcleos temáticos prediletos (tais como o embaralhamento entre sonho e realidade ou a nostalgia da infância), esse tópico, constante nos escritos do autor, já havia chamado a atenção de seu primeiro biógrafo, que aludira ao “mistério de Eros”, nomenclatura posteriormente reexaminada, com invulgar argúcia, por Eduardo Lourenço. Em “Álvaro de Campos I ou as audácias fictícias de Eros”, um dos capítulos mais densos de *Pessoa revisitado* (1973), ele se ocupa do “mistério que esse mesmo Campos expõe em plena luz, para melhor se esconder nele” (Lourenço, 2020, p. 273). A famosa “sexualidade branca”, que o ensaísta desvenda na “vida dos poemas” – não sem antes advertir que “as concretas manifestações dela na sua autêntica vida de relação, ninguém está habilitado a supô-las” (Lourenço, 2020, p. 289) –, diz respeito não à indiferença sexual que Pessoa buscou transmitir por carta a Gaspar Simões, mas sim ao recalçamento da pulsão homoerótica que também

¹³ Em 1935, as suas opiniões sobre classe, raça e escravidão mudariam tão radicalmente que o biógrafo, perplexo, questiona “se estamos lendo palavras que são de fato de Fernando Pessoa”, antes de asseverar: “Não há precedente em toda a sua obra de uma visão tão ampla e inclusiva” (Zenith, 2022, p. 984).

emanava de inúmeros textos que escreveu. Referindo-se a tal pulsão, no fim da ditadura salazarista, Lourenço recorria a eufemismos como “desesperado e duplo combate para sufocar a expressão de um Eros anômalo e de o transformar em Eros ‘normalizado’, culpabilizando-se” (Lourenço, 2020, p. 309).¹⁴ Ao escrever sua biografia quase meio século depois, em uma época de crescente desinterdição de temas relativos à sexualidade, Richard Zenith prescinde de volteios discursivos.

De todo modo, há mais de cem anos, Sigmund Freud publicava um controverso estudo sobre “Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci”, que Pessoa leu em tradução francesa de 1927 (Zenith, 2022, p. 857). Nele, o autor austríaco prevenia: “Se um estudo biográfico pretende mesmo chegar à compreensão da vida psíquica de seu herói, não pode silenciar – como acontece, por discrição ou falso pudor, na maioria das biografias – acerca da atividade sexual, das características sexuais do indivíduo estudado” (Freud, 2013, p. 93). Dado seu enfoque na dimensão humana de Pessoa, é coerente que Zenith tenha em conta o preceito freudiano. Assim, com base em anotações pessoais do biografado e em sintonia com o que afirma Eduardo Lourenço no mencionado capítulo de *Pessoa revisitado*, o biógrafo começa por reiterar a suspeita de que o escritor terá morrido virgem, acrescentando ter sido “principalmente por meio de seus escritos que ele aos poucos lidou com sua própria sexualidade”. Em seguida, ressalva: “Não pretendo afirmar que Pessoa ‘perdeu’ simbolicamente sua virgindade, e sim que perdeu a vergonha, os preconceitos e passou a aceitar sua vida casta com serenidade” (Zenith, 2022, p. 35).

Sem dúvida, há quem se incomode com a perquirição da vida íntima de alguém tão cioso de sua preservação como Pessoa. Não se pode objetar, porém, que essa biografia deixa de abordar o tópico com sobriedade. Nesse sentido, o livro se distingue, por um lado, da perspectiva adotada por José Cavalcanti Filho, que não dá crédito à hipótese da homossexualidade do escritor, preferindo enfatizar as ocasiões em que este terá sentido atração por mulheres. Por outro lado, também destoa do posicionamento de Victor

¹⁴ Em *Pessoa revisitado*, lê-se uma única vez a expressão “homossexualidade de Pessoa”, aventada como “hipótese” diante da qual João Gaspar Simões teria sido de uma “discrição exemplar”, em vista do que “a realidade e os textos permitem homologar” (Lourenço, 2020, p. 309). A terminologia de Lourenço, por fim, parece estimulada por uma formulação do próprio escritor, “inversão sexual frustrada” (Pessoa, 2003, p. 186). O biógrafo a considera um “termo antiquado que ganha novo sentido quando aplicado ao ultraliterário Fernando Pessoa, mestre na arte de infletir, inverter e transformar” (Zenith, 2022, p. 526).

Correia, enérgico defensor da orientação homossexual de Pessoa. Ainda que a obra aqui resenhada ostente dezenas de afirmações alusivas à atração dele por pessoas do mesmo sexo, Zenith jamais deixa de as matizar.¹⁵ O mesmo ocorre em outras passagens relativas à sexualidade do biografado. Alguns exemplos: sugerindo haver, em uma anotação do autor, uma “confissão de sua preferência por se relacionar com homens”, o biógrafo ressalta a carência de “indícios de intensidade emocional ou paixão recíproca em suas amizades masculinas” (Zenith, 2022, p. 145); ao recordar que “Pessoa não só escreveu, como também publicou poemas que retratam paixões heterossexuais e homossexuais e até algumas fantasias sadomasoquistas explícitas”, ele complementa que o escritor “nunca se sentiu confortável com a ideia do sexo na vida real” (Zenith, 2022, p. 156); quando defende “explorar a obra para descobrir o homem Pessoa” – inclusive o seu eu sexual –, fá-lo consciente de que se trata de “empreendimento repleto de perigos” (Zenith, 2022, p. 355), visto que, embora haja “muito *sentimento* autobiográfico em sua poesia, [...] ele raramente escrevia poemas baseados em experiências reais ou vicárias e quase não tinha experiências sensuais em que se basear” (Zenith, 2022, p. 420, grifo do autor); comentando uma passagem diarística em que Pessoa registra um desajeitado flerte com “uma rapariga bastante interessante” (Pessoa, 2003, p. 169), ocorrido sob a vigilância de um “imperador inibidor” que o biógrafo associa ao Adriano do poema homoerótico “Antinous”, Zenith pondera que, se a reprimida atração pelo sexo masculino possivelmente dificultava seu envolvimento com uma mulher, era muito menos certo que ele gostasse “de ter um relacionamento romântico ou sexual com um homem” (Zenith, 2022, p. 551).

Todas essas ponderações nos trazem de volta a um aspecto crucial de *Pessoa – Uma biografia*: a marcada assunção, pelo biógrafo, da perspectiva que enforma o relato. Na medida em que nenhuma biografia é “escrita a partir de uma exterioridade total” (Dosse, 2015, p. 95), justifica-se a sentença que arremata o antepenúltimo parágrafo do capítulo derradeiro: “Não há um Pessoa secreto para o biógrafo revelar” (Zenith, 2022, p. 1000). Algo desconcertante, à primeira vista, tal assertiva corrobora o gesto escultórico de qualquer biógrafo, cujo ofício também se limita com o do pintor ou romancista. Tal como esses artistas, ele “modela seu

¹⁵ Sem se referir a esses matizes, Victor Correia enxerga na obra de Zenith a confirmação de que Pessoa era homossexual, já que o biógrafo “várias vezes fala nisso, de diversas formas e em diversos contextos” (Correia, 2023, p. 31).

material para criar efeitos” (Dosse, 2015, p. 57). Daí, então, podermos aludir ao Pessoa de Gaspar Simões ou Bréchon, bem como, agora, ao de Zenith e demais biógrafos. Para além da capacidade imaginativa de cada um deles, nunca se deixará de escrever a biografia de Pessoa porque “lacunas documentais, novas perguntas e esclarecimentos novos surgem a todo instante” (Dosse, 2015, p. 11), bem como porque as “hipóteses que se fazem no presente pelo biógrafo são sempre reconsideradas pelas gerações futuras” (Dosse, 2015, p. 375). Por tais razões, biografia alguma, por mais “sublime” que seja, deveria ser considerada “definitiva” (cito aqui adjetivos do *The New York Times* reproduzidos, com evidente finalidade publicitária, na quarta capa da edição brasileira do livro de Zenith).

Considerando-se a natureza ambivalente do gênero biográfico, oscilante entre a sua compulsória disposição ficcional e o seu intrínseco propósito de se manter fiel a elementos factuais, é preciso ressaltar a sagacidade de Richard Zenith relativamente ao “pacto biográfico necessário entre autor e leitor” (Dosse, 2015, p. 8). Se a ficção, definida em termos pragmáticos, diz respeito a “uma prática institucionalizada com regras específicas, respeitadas pelos participantes da comunicação, mas sujeitas a alterações históricas” (Galle, 2018, p. 20), convém ter em mente que a leitura de uma biografia, mesmo se ajuizada como resultado de um fazer específico, pressupõe o ajustamento do relato à realidade vivida pelo biografado. Sendo assim, são dignas de nota as diferentes estratégias a que Zenith recorre não para falsear o que narra, como é óbvio, mas sim para tornar transparente a construção, como *cena*, de uma dada ocorrência, retomando a metáfora cinematográfica anunciada no “Prólogo”. Vale a pena transcrever a mais exuberante dessas cenas, que introduz o capítulo 71, relativa ao momento em que Pessoa terá descoberto que *Mensagem* (1934) não venceu o prêmio da primeira categoria do concurso literário instituído pelo Secretariado de Propaganda Nacional:

Pessoa levanta-se da máquina de escrever, põe o chapéu e a capa de chuva, anuncia a ninguém em particular “vou ao Abel” e sai do escritório. Já é tarde o bastante para comprar o jornal vespertino, o que ele faz um tanto constrangido, olhando por cima do ombro, sem querer ser visto. Só quando está junto ao balcão do Abel, onde uma taça de vinho tinto é servida sem que ele diga nada a não ser “boa tarde”, abre o jornal e descobre que seu livro foi superado, rebaixado à segunda categoria. Ele treme imperceptivelmente, sem revelar nenhuma emoção ao taberneiro, põe uma moeda no balcão e volta ao escritório.

- CAVALCANTI FILHO, José Paulo. *Fernando Pessoa: Uma quase autobiografia*. Rio de Janeiro, Record, 2011.
- CORREIA, Victor. *A homossexualidade de Fernando Pessoa*. Lisboa: Vieira da Silva, 2023.
- COSTA, Eduardo Freitas da. *Fernando Pessoa: Notas a uma biografia romanceada*. Lisboa: Guimarães, 1951.
- CRESPO, Ángel. *La vida plural de Fernando Pessoa*. Barcelona: Seix Barral, 1988.
- DOSSE, François. *O desafio biográfico: Escrever uma vida*. 2. ed. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2015.
- FREUD, Sigmund. "Uma recordação de infância de Leonardo da Vinci". In: *Obras completas: volume 9*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 86-165.
- GALLE, Helmut P. E. "Pequena introdução à teoria da ficcionalidade seguida por uma bibliografia". In: GALLE, Helmut P. E.; PEREZ, Juliana P.; PEREIRA, Valéria S. (org.). *Ficcionalidade: uma prática cultural e seus contextos*. São Paulo: FFLCH-USP/FAPESP, 2018. p. 17-43. DOI: 10.11606/9788575063415. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/286>. Acesso em: 26 jul. 2023.
- GEORGE, João Pedro. *O super-Camões: Biografia de Fernando Pessoa*. Lisboa: Dom Quixote, 2022.
- JACKSON, Kenneth David. "O Pessoa de Zenith". Tradução de Rui Pires Cabral. *Colóquio/Letras*, Lisboa, n. 209, p. 165-173, jan./abr. 2022.
- LOURENÇO, Eduardo. *Pessoa revisitado. Crítica pessoana I (1949-1982)*. Edição de Pedro Sepúlveda. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2020.
- MOYA, Manuel. *Pessoa, el hombre de los sueños*. Barcelona: Ediciones del Subsuelo, 2023.
- PAZ, Octavio. "O desconhecido de si mesmo". In: *Signos em rotação*. 3. ed. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Perspectiva, 1996. p. 201-220.
- PESSOA, Fernando. *Obra completa de Ricardo Reis*. Edição de Jerónimo Pizarro e Jorge Uribe. Lisboa: Tinta-da-china, 2016.
- PESSOA, Fernando. *Obra completa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardillo, com a colaboração de Jorge Uribe e Filipa Freitas. Lisboa: Tinta-da-china, 2014.
- PESSOA, Fernando. *Eu sou uma antologia: 136 autores fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china, 2013.

